

CONTRIBUIÇÕES DAS MÍDIAS AUDIOVISUAL E IMPRESSA NO PROCESSO DE ENSINO E DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

AUDIOVISUAL AND PRINTED MEDIA CONTRIBUTIONS IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN BASIC EDUCATION.

Severina Alves de ALMEIDA (SISSI)¹, Jeane Alves de ALMEIDA²,
Rafael Teixeira de SOUZA³, Andréa Christina Mendes FRANCO⁴

¹ Professora Titular da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT atuando nos cursos de Graduação e Pós-graduação. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins UFT. Doutora em Linguística (Sociologia da Linguagem) com ênfase em Linguagem e Sociedade, Interação Sociocultural e Letramento UnB (2015). Mestre em Ensino e Formação de Professores de Língua e de Literatura com ênfase em Linguagem, Educação e Diversidade Cultural pela Fundação Universidade Federal do Tocantins UFT (2011). É graduada em Pedagogia pela UFT (2009). Atuou como Professora Tutora no Curso de Biologia a Distância EaD da Universidade Aberta do Brasil (Universidade Federal do Tocantins) (2011-2014); Atuou Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC - FUP - Faculdade da UnB de Planaltina (2014-2016). E-mail: sissi@faculdadefacit.edu.br

² Possui graduação em Ciências biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Sul da Bahia. Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Zoologia Aplicada a Ecotoxicologia. E-mail: jeaalmeida87@gmail.com

³ Mestre e doutorando em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafaeltdesouza@hotmail.com

⁴ Bacharel em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2005), Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná, Terapeuta Emocional (com foco em Técnicas de Desbloqueio de Aprendizagem). Educadora há 20 anos, atualmente lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação nos níveis fundamental e médio no Colégio Invictos. E-mail: andreafrancoinvictosarg@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer um estudo sobre as mídias na educação, identificando as contribuições das mídias impressa e audiovisual no processo de ensino e da aprendizagem. Os procedimentos metodológicos partiram de uma pesquisa qualitativa e contemplaram duas fases: pesquisas teórica e de campo. A primeira se realizou mediante uma criteriosa revisão bibliográfica alcançando principalmente a literatura sobre as Mídias na Educação e suas implicações nas atividades pedagógicas. A segunda, isto é a parte empírica, que se configura como “Estudo de Caso”, deu-se a partir de um estudo exploratório numa Escola Pública em Tocantinópolis, estado do Tocantins. Os procedimentos foram: entrevistas semidirigidas e aplicação de questionários. Os resultados apontam para uma realidade onde o uso das (novas) tecnologias é algo irreversível na prática pedagógica dos professores, qualquer que seja a modalidade e/ou nível de ensino em que eles se inserem. E que essas tecnologias fomentam novas e valorosas formas de aprendizagem,

mas que a aprendizagem deve transcorrer pautada no diálogo entre as mídias e a ação humana, ciente de que a primeira não substitui a segunda.

Palavras-chave: Mídias na Educação. Mídia Impressa. Mídia Audiovisual. Tecnologias. Educação.

ABSTRACT: This article aims to do a study on the media in education, identifying the contributions of printed and audiovisual media in teaching and learning. The methodological steps out from a qualitative research and looked at two stages: theoretical and field research. The first took place through a thorough review primarily reaching the literature on the Media in Education and its implications on educational activities. The second, ie the empirical part, is configured as “Case Study” and took place from an exploratory study in the Public School in Tocantópolis state of Tocantins. The procedures were semi structured interviews and questionnaires. The results point to a reality where the use of (new) technology is irreversible in the pedagogical practice, whatever the modality and / or level of education to which they belong. And that these technologies foster new and valuable ways of learning, but learning that must elapse based on dialogue between media and human action, aware that the first does not replace the latter.

Keys Word: Media in Education. Print Media. Audiovisual Media. Technology. Education.

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos um momento de mudanças sem precedentes no cenário educativo em nosso País. O século XXI segue seu curso, e a emergência de uma educação que atenda aos anseios da modernidade se faz necessário, num panorama que converge para novos paradigmas na forma de educar crianças, jovens e adultos. Afinal, o acesso à escola está cada dia mais democratizado, e o desafio posto consiste na premissa de que a quantidade ofertada se traduza em qualidade forjada, ou seja, que o produto dessa ação, que se requer coordenada, seja causa e efeito de

uma educação capaz de eliminar as fronteiras historicamente construídas entre aqueles que detêm o saber e aqueles que estão à margem dos bens culturais, os quais são patrimônios da humanidade.

A emergência de uma educação que forme sujeitos⁴ capazes de se relacionar com as novas tecnologias se faz necessário. A alfabetização, nesse contexto, assume múltiplos aspectos, isto é, não se alfabetiza apenas para a leitura e a escrita. Além da alfabetização em língua portuguesa, temos a alfabetização matemática, alfabetização científica e também a alfabetização digital. Tudo isso converge para o “letramento” que, segundo

⁴ A concepção de sujeito aqui referenciada pauta-se na teoria de subjetividade proposta por Fernando Gonzáles Rey e Albertina Mitjans Martinez (2011).

Kleimann (1995, p. 119), é “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”.

Nesse sentido, desenvolvemos este artigo, cujo objetivo geral foi identificar as contribuições das mídias audiovisual e impressa para a educação. Como objetivos específicos elencamos: 1) refletir sobre sociedade da informação e sociedade do conhecimento, por meio de uma pesquisa teórica, alcançando as mídias em educação, mapeando-as, conceituando-as e delimitando seu campo de atuação na escola, notadamente no que diz respeito ao seu uso e sua integração às práticas pedagógicas do professor, dentro e fora da sala de aula; 2) conceituar e delimitar as funções do texto e do hipertexto, discutindo o uso destas tecnologias e o que elas trazem de inovador para a aprendizagem, tratando, ademais, das mídias escritas e audiovisuais em suas funções pedagógicas; 3) identificar o que pensam e sentem professores e professoras no cotidiano de suas práticas pedagógicas, enfatizando a articulação entre conhecimento, tecnologia e mídias. Aqui foram discutidos os resultados da pesquisa empírica realizada com professores da uma escola pública⁵ localizada em Tocantinópolis, estado do Tocantins.

Visando a alcançar os objetivos, utilizamos como um dos procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa, teórica e bibliográfica, quando foram consultadas obras de referência na temática em discussão, de modo que os resultados são cuidadosamente sistematizados e registrados seguindo os critérios que requer

essa forma de investigação científica (SEVERINO, 2001); GIL, 2002; ALMEIDA et all 2017; MIRANDA E SILVA, 2019). Conforme Severino (2001), estes procedimentos metodológicos são fundamentais em todos os tipos de investigação, enfatizando a importância das pesquisas teórica e bibliográfica, já que não se pode proceder ao estudo de algo, sem identificar o que já foi produzido sobre o assunto, evitando tomar como inédito o conhecimento já existente, repetir estudos já desenvolvidos, bem como elaborar pesquisas desguarnecidas de fundamentação teórica.

A pesquisa de campo, isto é, a parte empírica, também está no horizonte da investigação e foi realizada com 6 (seis) professores⁶, e se enquadra como “Estudo de caso”, isso porque este é um dos tipos de pesquisa qualitativa que vem conquistando crescente aceitação na área da educação. Segundo Lüdke e André (1986, p. 17) “[...] um estudo de caso é o estudo de um caso, que é sempre bem delimitado, ou seja, quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”, isto é, um caso é único, específico, mesmo que depois venham a ficar evidentes determinadas semelhanças com outros casos ou situações.

Para finalizar apresentamos algumas considerações retomando o que foi discutido ao longo do texto, enfatizando a importância de se introduzir o uso das mídias na educação das escolas públicas brasileiras.

2. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

⁵ Visando a preservar a identidade da instituição não publicamos o nome da escola.

⁶ A pesquisa foi realizada em setembro de 2009, como exigência da disciplina Fundamentos do Ensino Fundamental na Universidade Federal do Tocantins (UFT) campus de Tocantinópolis, curso de Pedagogia.

Uma das características mais marcantes do século XXI é a emergência de uma sociedade eminentemente tecnológica, onde os acontecimentos se processam rapidamente, lançando todos num patamar de extrema complexidade. Nesse sentido, nesta seção, discorreremos acerca da sociedade da informação e da sociedade do conhecimento, analisando e discutindo, do ponto de vista de vários teóricos, as mídias em educação, traçando um mapa de sua configuração, ao mesmo tempo em que formulamos conceitos e delimitamos campo de atuação, notadamente no que diz respeito ao seu uso e sua integração às práticas pedagógicas do professor, dentro e fora da sala de aula.

Com efeito, o conceito de sociedade da informação e de sociedade do conhecimento surge com os avanços das Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TICs, sendo que uma das características das pessoas nessa sociedade são a integração e a adaptação com estas novas tecnologias, surgindo, dessas necessidades, o desenvolvimento de habilidades para controlar e armazenar dados, bem como a capacidade de realizar combinações e aplicações da informação (RIBEIRO, 2010).

2.1. Sociedade da informação

Werthein (2000, p. 71), assegura que a expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada nos primeiros anos do século XXI, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e, como ciência social, procura

expressar, nesse contexto, as transformações técnicas, organizacionais e administrativas, tratando de transmitir o conteúdo específico de um “novo paradigma técnico-econômico”. Para Castells (2000), esta sociedade informacional, remanescente da era pós-industrial, está ligada à expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 1980, com ênfase nas novas tecnologias e na flexibilidade, sendo esta última pautada na ideia central das transformações organizacionais; transformações estas, que têm permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho, característicos do capitalismo industrial.

Werthein (2000) entende que as transformações que imbricam em direção à sociedade da informação, e que atualmente se encontram em estágio avançado nos países industrializados, e também naqueles considerados emergentes, constituem uma tendência dominante, mesmo para economias menos industrializadas, e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da notável transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse autor constata que o foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico⁷, segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguindo uma lógica técnica e, portanto, neutra, e sendo assim, encontram-se fora da interferência de fatores sociais e políticos. Porém, Werthein (2000) acredita que isso é um

⁷ Segundo Lima (2001, p. 9), o conceito de “determinismo tecnológico” foi criado pelo sociólogo americano Thorstein Veblen (1857-1929) e cultivado e aperfeiçoado por Robert Ezra Park, da Universidade de Chicago. Em 1940, Park declarou que os dispositivos tecnológicos estavam modificando a estrutura e as funções da sociedade, noção que serviu de ponto de partida para uma corrente teórica em todos os aspectos inovadora.

equivoco, pois processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais pré-existent, criatividade, espírito empreendedor e as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

2.2. Sociedade do conhecimento

Castells (2000) constata em suas pesquisas que atualmente existe uma nova sociedade, e que seus princípios se baseiam primordialmente no poder do conjunto, na interconexão de “nós” eletrônicos interligados e mediados pela rede mundial de computadores – a *internet*. Para esse autor, a sociedade vigente apresenta desafios e demandas apresentados pela dinâmica da sociedade globalizada, tecnológica e do conhecimento. Nessa perspectiva, o mundo atual seria um mundo novo de uma cultura da virtualidade construída a partir de sistema de mídia onipresente, pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos de um tempo caracterizado como atemporal.

Segundo Paiva e Osterne (2009), quando se fala em sociedade do conhecimento, não significa simplesmente dizer que todos passem a ser trabalhadores do conhecimento. Isso porque todos ainda continuarão os trabalhos de linha de produção com a utilização de maquinaria pesada e cara, mas, segundo Stewart (1998, p. 52) *apud* (Paiva e Osterne, 2009, p. 2) “[...] as partes mais valiosas desses trabalhos tornaram-se essencialmente tarefas humanas: sentir, julgar, criar, desenvolver relacionamentos”. São, nessa perspectiva, denominados de “trabalhadores do conhecimento” utilizando como matéria-prima

dados, informações e conhecimento. Outra constatação importante de Paiva e Osterne (2009), é que, na sociedade do conhecimento, os trabalhadores do conhecimento são dotados de relativa educação formal e capacidade de aplicar saberes teóricos e analíticos que demandam uma rentabilidade e abordagens diferentes do trabalho realizado e, principalmente, requerem o hábito de aprendizagem contínua.

Nesse sentido, é importante citar Dellors (1998), que ao formular um relatório, recomendado pela UNESCO, intitulado “Educação Um Tesouro a Descobrir”, o qual veio a servir de referência para a sociedade do conhecimento no século XXI, determina os quatro pilares desse novo paradigma educacional, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. No que concerne ao primeiro grande objetivo educacional de Dellors, “aprender a conhecer”, procura-se munir o educando de instrumentos de compreensão, estabelecendo um equilíbrio entre a cultura geral vasta e a competência para tratar em profundidade pequenos fragmentos do real. A tônica é posta no aprender a aprender, não desconsiderando as possibilidades de aprendizagem que se oferecem ao longo da vida de forma permanente.

2.3. Mídias na educação: seu uso e a articulação teoria e prática

O uso das tecnologias educacionais, isto é, as mídias aplicadas à educação, precisa ser visto sob dois prismas: a teoria e a prática. Ademais, a sempre conflituosa transposição da teoria apreendida e da prática a ser aprendida, tem se constituído num dos mais sérios desafios da educação nos dias atuais, principalmente

no que diz respeito ao uso das mídias na sala de aula e também fora dela. Segundo Almeida (2003), a utilização de tecnologias na escola, mais precisamente na sala de aula, impulsiona a abertura de espaços ao mundo e ao contexto, bem como permite articular as situações global e local, sem, contudo, abandonar o universo de conhecimentos acumulados ao longo do desenvolvimento da humanidade. “Tecnologias e conhecimentos se integram para produzir novos conhecimentos que permitam compreender as problemáticas atuais e desenvolver projetos, em busca de alternativas para a transformação do cotidiano e a construção da cidadania” (ALMEIDA, 2003, p. 5).

Para essa autora, ao desenvolver trabalhos em sala de aula, é importante que o professor mapeie, ou seja, levante problemáticas relacionadas com a realidade dos alunos, cujas questões e temáticas em estudo, partam do conhecimento que ele traz de seu contexto (FREIRE, 1997), e busquem desenvolver investigações para construir um conhecimento científico que ajude estes alunos a compreenderem o mundo e a conviverem criticamente na sociedade. Assim, a partir da busca e organização de informações oriundas de distintas fontes e tecnologias, Almeida (2003) acredita que valoriza-se a articulação entre novas formas de representação de conhecimentos através das mídias e respectivas formas de linguagem que mobilizam pensamentos criativos, sentimentos e representações, contribuindo para a comunicação, a interação entre pessoas e objetos de conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de produções.

Com efeito, o que a autora propõe, é que devemos compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas

tecnologias disponíveis na escola, bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias, o que não deixa de ser um desafio a mais para a educação atual, pois requer o desenvolvimento de programas de formação continuada de professores, assunto esse que retomaremos mais adiante.

2.3.1. Didática e/ou pedagogia das mídias

Segundo Tufte e Christensen (2009), didática das mídias é a parte da mídia-educação que lida com objetivos e conteúdos, desenvolvendo o planejamento de aulas com uso de tecnologias de comunicação; contudo, o uso de tecnologias em si, em relação a um conteúdo não é definido como sendo a didática das mídias. O termo mais abrangente nesse caso é pedagogia das mídias, no qual se encontram também todas as outras didáticas acadêmicas. “O dilema – se olharmos a história da mídia-educação com foco especial na paisagem das mídias, nas crianças e nas escolas de hoje – é que a escola apóia-se em uma base cultural literária, na qual o objetivo é educar as crianças para serem bons cidadãos críticos em uma sociedade democrática” (IBIDEM, p. 103). Mas a escola “paralela” das mídias vê as crianças e os adultos como consumidores em uma sociedade global orientada pela economia de mercado. A tarefa do trabalho mídia-educacional é fazer essas duas partes entrarem em um diálogo a fim de qualificar crianças e jovens a viverem em uma sociedade orientada pelo mercado, porém com objetivos democráticos (TUFTE, 2007).

A fala dos autores é um alerta. Afinal, a escola deve tomar para si o desafio de educar crianças, jovens e adultos para um uso

consciente das mídias. Isso porque percebemos que os meios de comunicação, notadamente a *internet*, veiculam propagandas onde o apelo consumista é muito agressivo. O bem estar social, nesse caso, é diretamente proporcional à sua capacidade de consumir. O que deveria ser um veículo de democratização da informação e do conhecimento passa a ser um “lembrete” ou mesmo “aliciamento” para que o indivíduo possa “comprar” algo que o tornará “cidadão”.

De modo geral, Tufte e Christensen (2009) revelam que, em relação às mídias, suas estéticas e linguagens, é preciso desenvolver princípios e métodos para que as mídias possam ser inseridas na agenda da escola enquanto um processo de aprendizagem, de sorte que sejam desenvolvidos instrumentos conceituais mídia-educativos em relação a todas as mídias. Essas mesmas autoras informam ainda que quando falamos em “mídias” estamos incluindo um leque de meios de comunicação, abarcando imprensa, mídias eletrônicas – sons e imagens – filmes, e mídias interativas (multimídia). Ao mesmo tempo, estamos lidando com uma área profissional das mídias que deve ser exercida tanto em relação a um único campo, como numa dimensão curricular transversal, concluem as autoras.

Nesta seção discorreremos, num diálogo com nossos interlocutores, os teóricos, a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento, tendo em vista a necessária transposição entre teoria e prática no uso das mídias em educação. A seguir, aprofundamos as reflexões, focalizando as mídias impressa e audiovisual, com ênfase no

“Texto e Hipertexto”.

3. TEXTO E HIPERTEXTO: AS TECNOLOGIAS (MÍDIAS IMPRESSA E AUDIOVISUAL) INOVANDO A APRENDIZAGEM

Na seção anterior o centro da discussão foi a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento. Aqui as reflexões recaem sobre o texto e o hipertexto, refletindo sobre o uso das Tecnologias e o que estas trazem de inovador para a aprendizagem. Trataremos, portanto, das mídias escritas e audiovisuais em sua função pedagógica.

3.1. Mídia Impressa

Com efeito, as tecnologias aplicadas à educação existe desde os primórdios da história da educação. É recorrente o pensamento de que, quando falamos em tecnologia, necessariamente precisamos estar falando de computadores, *internet*, etc. É claro que estas são tecnologias atuais, mas também o lápis, o giz, a régua, o caderno, os livros, entre outros, são tecnologias⁸, só que vieram à tona em épocas anteriores. Ademais, sabemos que a mídia impressa, enquanto tecnologia, é um meio de comunicação, o qual refere-se particularmente aos materiais, de caráter publicitário ou jornalístico, ou educacionais, que são impressos em gráficas, birôs de impressão, ou em locais específicos. O meio impresso pode ser difundido em veículos de comunicação, como jornais, revistas, tablóides, informativos, anuários, etc, ou em peças avulsas,

⁸ Tecnologia (do grego *τεχνη* — “técnica, arte, ofício” e *λογια* — “estudo”) é um termo que envolve o conhecimento técnico e científico e as ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento. Dependendo do contexto, a tecnologia pode ser: As ferramentas e as máquinas que ajudam a resolver problemas; As técnicas, conhecimentos, métodos, materiais, ferramentas e processos usados para resolver problemas ou ao menos facilitar a solução dos mesmos. Fonte: <http://wikipedia.org/wiki/Tecnologia>. Acesso 31-jan-2011.

como folhetos, mala-diretas, folders, flyers, panfletos; cartazes; encartes; etc. Estes materiais ainda podem ser feitos em diversos papéis, plásticos, adesivos, variando-se em tamanho, cor, acabamento, e efeito⁹.

O uso das mídias impressas na cotidiano das práticas pedagógicas é bastante usual, particularmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É inegável que um material impresso, notadamente aqueles com figuras bem coloridas, chamam a atenção da criança que, instigada pelas cores e formas impressas no papel, se sente atraída pelo seu conteúdo, o que favorece a aprendizagem. Divagando acerca da utilização pedagógica da mídia impressa, notadamente de textos informativos, encontrados, por exemplo, em jornais, revistas, *internet* e enciclopédias, Moura (2008), acredita que permite, dentre outras habilidades, a formação do hábito de ler para estudar, para buscar informações, competência essencial por toda a vida. Para essa autora, as crianças conseguem perceber a diferença entre esse tipo de texto e os textos de ficção, pois passam a perceber a realidade imediata expressa nos artigos de jornais e revistas, que comparam com as conversas que ouvem, com aquilo que vêem na rua e o que assistem na televisão.

No entanto, ao trazer esses textos para a análise das crianças, Moura (2008) chama a atenção para o fato de que a partir dessa dinâmica surgirão acaloradas discussões, em que as crianças põem em jogo aquilo que sabem sobre o tópico tratado, trocam opiniões, debatem e assim aprendem a negociar, a expressar verbalmente suas idéias, a rever seus conceitos. Os textos

informativos, quando integrados ao trabalho com textos em geral, ampliam as possibilidades de leitura do mundo, conforme preconiza Freire (1997). Outro artefato possível de ser utilizado com sucesso na sala de aula são as historinhas em quadrinhos, ou seja, os gibis. Para Moura (2008), muito embora já tenham sido alvo de preconceito por parte dos adultos, os gibis atualmente são aceitos como uma forma prazerosa de ensinar as crianças.

3.2. Mídia Audiovisual

Impulsionadas pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação NTCl, as mídias audiovisuais assumem atualmente um papel de extrema importância na construção do conhecimento. Segundo Almeida (2003, p. 6), “mesmo que seus recursos não estejam fisicamente instalados nos espaços escolares, a mídia audiovisual invade a sala de aula”. A autora argumenta ainda, que a linguagem produzida na integração entre imagens, cores, movimentos e sons, atrai e toma conta das gerações mais jovens, cuja comunicação resulta do encontro entre palavras, gestos e movimentos, distanciando-se do gênero do livro didático, da linearidade das atividades da sala de aula e da rotina escolar. E mais:

[...] Criar espaços para a identificação e o diálogo entre essas formas de linguagem e permitir que os alunos se expressem de diferentes maneiras são ações que favorecem o desenvolvimento da consciência

⁹ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia>. Acesso 31-jan-2011.

crítica sobre a influência da mídia e respectivas estratégias direcionadas a determinados grupos sociais, num jogo complexo em que se encontram implícitos, sutilmente, os significados que se pretendem impor a esse público (ALMEIDA, 2003, p. 6).

Discorrendo sobre o uso das mídias na sala de aula, Almeida (2003) conclui que a televisão e o vídeo são valiosos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se busca despertar-lhes o interesse para iniciar estudos sobre determinados temas, ou mesmo trazer novas perspectivas para investigações em andamento. Dessa forma, é possível buscar temas que se articulam com os conceitos envolvidos nos projetos em desenvolvimento, selecionar o que for significativo para esses estudos, aprofundar a compreensão sobre os mesmos, estabelecer articulações com informações provenientes de outras mídias, desenvolver representações diversas que entrelaçam forma e conteúdo nos significados que os alunos atribuem aos temas.

Entretanto, temos outros tipos de mídia que podem ser exploradas com sucesso nas atividades pedagógicas, por exemplo, filmes. Para Chaves (2004), o surgimento do cinema, assim como do rádio e da televisão, mudou radicalmente a experiência das relações humanas no séc. XX, e continua mudando no transcorrer desse século XXI, impulsionado pela globalização que vem transformando o mundo em uma grande aldeia global. Esse autor adverte que, se por um lado o globo terrestre vai se tornando uma pequena vila, por outro, a aquisição e uso dessa tecnologia vêm criando um fosso entre quem pode e não pode usufruir dela. “Aqui, as diferenças econômicas

determinam quem poderá caminhar rumo ao futuro e quem ficará para trás, encoberto por uma nuvem de poeira” (CHAVES, 2003, p. 1). Sendo assim, já é possível vislumbrar a criação de uma única mídia, que englobe as demais. Mas é também verdade que essa nova mídia irá gerar uma demanda de imagens para alimentar os seus milhões de usuários.

Sendo assim, e ainda de acordo com Chaves (2003) o vídeo exercerá um papel fundamental na captação e criação de sons e imagens, e muito embora, desde a década de 1970, ele faça parte de nossas vidas de uma forma natural, ainda é uma pequena parcela da população mundial que tem acesso a essa tecnologia e isso configura um fator de segregação social que deve ser levado em consideração. Concordamos com esse autor quando ele afirma que desde o aparecimento do cinema, uma nova linguagem vem tomando corpo e se desenvolvendo de tal maneira que a comunicação audiovisual ganhou tanta importância quanto a escrita, e mais: “Ainda que isso não seja mais nenhuma novidade e muitos estudiosos apontem para este fenômeno, é de se espantar que o aprendizado do audiovisual ainda ocupe uma importância menor na nossa educação formal” (CHAVES, 2003, p. 2).

Realmente, o cinema exerce um papel primordial na construção de novos conhecimentos. Também há de se considerar seu caráter interdisciplinar, pois através de um filme, o professor pode abordar temas bem diversificados e de diferentes áreas do conhecimento, trabalhando, simultaneamente, linguagem, história, geografia, ciências, etc. Afinal, enquanto arte, o filme transmite também valores fundamentais para a formação do ser humano, ao denunciar fatos históricos que a humanidade não

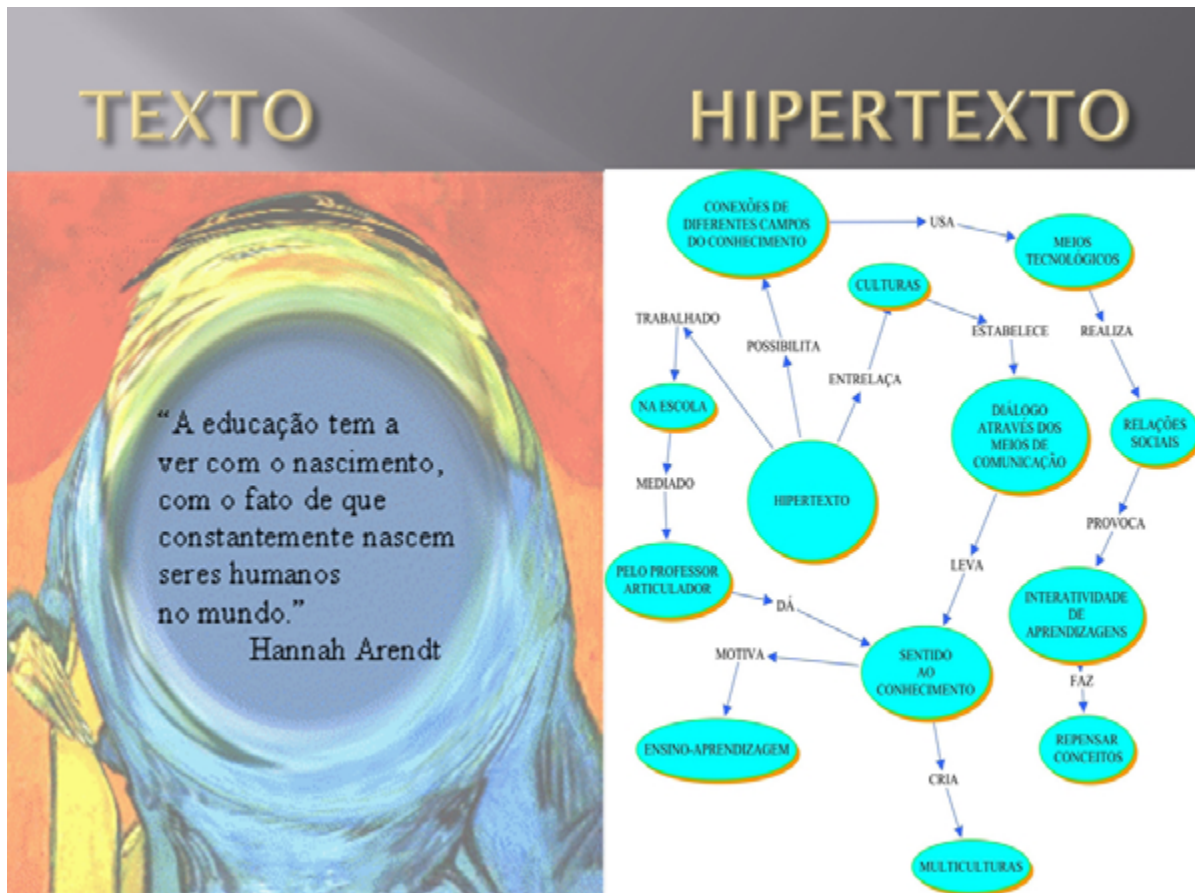
pode nunca esquecer, como é o caso das guerras que tantos malefícios causaram ao longo dos séculos.

Nesse sentido, acreditamos que a escola deve tomar para si a responsabilidade em efetivar formas de aprendizagem capazes de seduzir¹⁰ os alunos para que vejam a educação escolar como uma forma de crescimento, não apenas intelectual, mas do ser humano em todas as possibilidades. Essa educação deve, necessariamente, formar crianças e jovens para o exercício da partilha e da solidariedade, aspectos indissociáveis dos novos paradigmas que sustentam os sistemas educativos na atualidade. Isso porque, ao se

valerem das mídias como suporte pedagógico e estratégia didática na condução das aulas, os professores estarão formando seres humanos capazes de enfrentarem as vicissitudes da vida de forma equilibrada. Afinal, a maioria das mídias que podem ser utilizadas no processo de ensino e de aprendizagem são, em sua grande maioria, artefatos artísticos, o que favorece a experiência estética. Sendo assim, o ensino se torna prazeroso, a aprendizagem se torna gratificante, e todos saem ganhando.

3.3. Texto e Hipertexto

Imagem 1: texto e hipertexto. fonte: souzabandeira.com; curso do -eproinfo.com. Acesso 13-out-2013



¹⁰ Seduzir no sentido de encantar pela beleza, não como técnica de manipulação (GADOTTI, 2003).

O que é um texto? Responder essa pergunta não é tão fácil quanto pode parecer. Isso porque a palavra “texto” é polissêmica, e conceituá-la requer que se identifique o contexto no/do qual se está falando. Vejamos o que nos diz a professora Alfredina Nery¹¹:

[...] Você provavelmente está acostumado a ver a palavra **texto**. Mas sabe qual o seu conceito? Para entendê-lo, pense nas duas seguintes situações: 1) Você foi visitar um amigo que está hospitalizado e, pelos corredores, você vê placas com a palavra “Silêncio”. 2) Você está andando por uma rua, a pé, e vê um pedaço de papel, jogado no chão, onde está escrito “Ouro”. Em qual das situações uma única palavra pode constituir um texto? Na situação 1, a palavra “Silêncio” está dentro de um contexto significativo por meio do qual as pessoas interagem: você, como leitor das placas, e os administradores do hospital, que têm a intenção de comunicar a necessidade de haver silêncio naquele ambiente. Assim, a palavra “Silêncio” é um texto. Na situação 2, a palavra “Ouro” não é um texto. É apenas um pedaço de papel encontrado na rua por alguém. A palavra “Ouro”, na circunstância em que está, quer dizer o quê? Não há como saber. Mas e se a palavra “Ouro” estiver escrita em um cartaz pendurado nas costas

de um daqueles homens que ficam nas esquinas do centro das cidades grandes que anunciam a compra de ouro? Aí sim, nessa situação, a palavra “Ouro” constitui um texto, porque se encontra num contexto significativo em que alguém quer dizer algo para outra pessoa (no caso, vender/comprar ouro) e, então anuncia isso. ‘Texto é, então, uma sequência verbal (palavras), oral ou escrita, que forma um todo que tem sentido para um determinado grupo de pessoas em uma determinada situação. O texto pode ter uma extensão variável: uma palavra, uma frase ou um conjunto maior de enunciados, mas ele obrigatoriamente necessita de um contexto significativo para existir. (NERY, [HTTP://WWW.EDUCACAO.UOL.COM.BR/](http://www.educacao.uol.com.br/). ACESSO 01-FEV-2011).

A fala dessa professora é bastante esclarecedora, e vem ao encontro de nossas inquietações. Afinal, o sentido do texto que pretendemos explorar nesse momento do trabalho é exatamente esse. A palavra vista dentro de seu contexto, sem nos prendermos aos aspectos cognitivos de abrangência acadêmica, ou seja, texto científico, texto literário, texto argumentativo, descritivo, etc. O contexto que buscamos para inserir a palavra “texto”, então, é o contexto da mídia digital. Daí sua conexão com o hipertexto.

Visto de forma bem simples o significado da palavra “texto, passamos a focalizar o texto e

¹¹ Fonte: <http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1693u10.jhtm>. Acesso 01-fev-2011.

sua relação com hipertexto, e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem. Texto e hipertexto, portanto, passam a ser o foco de uma discussão que tem essas mídias como objeto de estudo. Para tanto, buscamos em Fachinetto (2005), o suporte teórico para implementar nossa discussão. Essa autora nos fornece as bases teóricas sobre o hipertexto e sua relação com a cognição humana. Inicialmente, são feitas conjecturas acerca de hipertexto, visto pela autora como uma nova concepção de leitura e escrita, surgida com o advento da *Internet*. “Como o nome já diz, *hyper* significa posição superior, intensidade ou excesso. Poderia se afirmar então que o hipertexto vai além do texto, oferece algo mais, uma vez que se pratica em um suporte dinâmico como o computador” (FACHINETTO, 2005, p. 2).

Buscamos também, com base no que traz a autora, apresentar um panorama geral sobre conceitos relacionados ao tema, como *Internet* e suas ferramentas, *links*, *sites*, navegação, novas tecnologias, etc., estabelecendo relações com a leitura. Mais precisamente, pretendemos analisar a prática da leitura com o hipertexto: a diferença entre texto em papel e texto em tela (hipertexto); as revoluções e mudanças da leitura no texto impresso para o hipertexto, e como é a leitura do hipertexto. Analisamos também como se configura esta nova perspectiva sob o ponto de vista cognitivo.

Com efeito, Fachinetto, (2005, p. 3), recorre a diversas definições de diferentes autores, entre eles Landow, Lévy, Chartier, Negroponte, Leão, Xavier, etc., para conceituar o termo hipertexto, e conclui que “o termo designa um processo de escrita/leitura não-linear e não hierarquizada e que permite o acesso ilimitado a outros textos de

forma instantânea. Possibilita ainda que se realize uma trama, ou rede, de acessos sem seguir, necessariamente, seqüências ou regras”. Dessa forma, o hipertexto, segundo Fachinetto (2005), constitui a base da *Internet*. Em outras palavras, ao acessarmos um *site*, por exemplo, escolhemos o caminho que desejamos seguir e, ao clicar o *mouse* em determinadas frases ou palavras, novos textos nos saltam aos olhos. Esta estrutura textual permite que o leitor, ao escolher a seqüência de leituras, seja co-autor do texto.

A autora recorre a Pierre Lévy (1993) argumentando que, tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Do ponto de vista funcional, Lévy pressupõe que um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação.

3.4. **A Rede Mundial de Computadores: *Internet***

A *Internet* tem se transformado num dos veículos que mais se relaciona com a utilização das mídias na educação. Sua projeção é tamanha, que as crianças, mesmo antes de ir a uma escola, já conseguem “navegar” nesse mar de possibilidades. Dessa forma, a alfabetização digital tem se dado antes da alfabetização pelas letras, o que se apresenta como um forte aliado de professores que podem utilizar as ferramentas da *internet* para introduzirem seus alunos na dinâmica da informação que gera e democratiza o conhecimento. Isso é possível graças às políticas

públicas de inclusão digital implementadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela educação.

Mas, afinal, o que é a *Internet*, e como utilizá-la, de forma eficaz na difusão, produção e democratização do conhecimento? Para responder esta e outras questões, recorreremos mais uma vez a Fachinetto (2005), que tem pesquisado a temática sistematicamente. Essa autora informa que a origem do vocábulo *Internet* data da segunda metade do século XX, mais precisamente em 1969, nos Estados Unidos, com o nome de ARPA (*Advanced Research Projects Agency*). Criada na época da Guerra Fria¹², a ARPA era uma rede do departamento de defesa norte-americano que tinha por função interligar centros de pesquisas.

Nesse sentido a *www* (*world wide web*), nascida em 1991, corresponde à parte da *Internet* construída a partir de princípios do hipertexto, assinala Fachinetto (2005). Conforme Leão (1999) *apud* (Fachinetto, 2005), a *Web* baseia-se numa interface gráfica e permite o acesso de dados diversos (textos, músicas, sons, animações, filmes, etc. Devido à facilidade que sua interface oferece, a *Web* vem crescendo de uma forma vertiginosa, e sua utilização para fins educacionais, também. Fachinetto (2005) nos traz como exemplo o *site* de buscas *Google*, o qual, segundo a autora, contabiliza mais de 8 bilhões de páginas cadastradas, isso no ano de 2005. E cada uma dessas páginas traz em si o potencial de se intercomunicar com todos os outros pontos da rede. Sem contar que cada *site* pode projetar a

conexão, através de *links*, com outros endereços. Estes, por sua vez, também oferecem novas ligações e assim sucessivamente, formando uma grande teia.

Nessa perspectiva, a autora acredita que pesquisar na *www* é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é também avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem, e mais:

[...] O admirável mundo novo da *Internet* facilita muito a pesquisa. A comunicação sem distâncias geográficas entre pessoas, a consulta a milhares de livros no mundo todo e a qualquer hora, a rapidez e a facilidade de acesso, a economia de tempo e dinheiro, as possíveis negociações de valores, estão entre suas grandes vantagens. E os dados revelam que a tendência é aumentar o número de usuários da *Web* e o tempo que permanecem conectados (FACHINETTO, 2005, p. 4).

Isso posto fica claro que a *internet* se apresenta como uma ferramenta pedagógica poderosa para auxiliar os professores e as professoras em seu cotidiano na sala de aula. O mais interessante é que inexistem barreiras de qualquer ordem, desde que professores e alunos tenham acesso a um computador conectado à

¹² Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). Em resumo, foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria. Acesso 01-fev-2011

rede. Ademais, conforme dito anteriormente, os agentes do governo responsáveis pelas políticas públicas na área da educação têm concentrado esforços para equipar as escolas públicas com um laboratório de informática. E também facilitado a aquisição de computadores pessoais para os professores da rede pública de ensino.

Nesse sentido acreditamos ser oportuno apresentar alguns dados relatados por Fachinetto (2005, p. 4). Conforme a autora, informações do *site* do Comitê Gestor da Internet no Brasil, em janeiro de 2005, demonstram que o Brasil ocupou a nona colocação mundial em número de *hosts* (servidores conectados permanentemente à *Internet* com a terminação br.) com quase quatro milhões de organizações registradas. O país perde apenas para os Estados Unidos, Japão, Itália, Holanda, Alemanha, França, Austrália e Reino Unido. Em 1998, o Brasil ocupava o 18º lugar. Já, o número de usuários domiciliares conectados à *Internet* em abril de 2005 era de 11,4 milhões.

Dados de uma pesquisa do IBOPE de abril de 2005, apresentados por Fachinetto (2005, p. 4), indicam que os usuários domiciliares de *Internet* no Brasil bateram recorde em tempo de navegação, com 15 horas e 14 minutos. O índice é o maior já observado no país, superando inclusive o segundo colocado, o Japão. Em relação a abril de 2004, houve um acréscimo de 1 hora e 31 minutos. Outro dado interessante é que 65% dos usuários domésticos acessaram a *Internet* no chamado “horário nobre da família”, entre 20h e 22h, possivelmente simultaneamente ao uso da TV.

Não tem como discordar de Fachinetto (2005, p. 9-10), quando ela afirma que “Um computador conectado à Internet não é somente um único computador. Ele é a representação

do universal, a soma de todas as memórias interconectadas e a possibilidade infinita de acessos”. Segundo Lévy (2003, p. 47) *apud* (Fachinetto, 2005, p. 10), “um computador ramificado no hiperespaço pode recorrer às capacidades de memória e de cálculo de outros computadores da rede (que, por sua vez, fazem o mesmo)”, e assim, sucessivamente, compõem um computador de Babel, ou seja, o próprio ciberespaço.

Nesse sentido é importante trazer o que pensa Umberto Eco (2003) *apud*, (Fachinetto, 2005), no artigo intitulado “Muito além da *Internet*”, que afirma ser a *www* a grande mãe de todos os hipertextos, uma biblioteca mundial onde podemos ou poderemos, em breve, pegar todos os livros que quisermos. Para esse autor, a digitalização de acervos de todo o mundo é um dos exemplos da democratização do acesso à informação. E que na *Internet*, são inúmeros os *sites* que disponibilizam textos *on-line*, além de milhares de livros, entre eles os das bibliotecas Nacional da França e do Congresso dos Estados Unidos, que estão disponíveis para a leitura em tela.

Esse seria o fim das bibliotecas de papel? Umberto Eco (2003) *apud* (Fachinetto, 2005, p. 10), diz que “os hipertextos, sem dúvida, tornarão obsoletos os manuais e enciclopédias”, mas também revela que pertence àqueles que ainda acreditam que livros impressos têm um futuro e que o receio de seu desaparecimento é exemplo de outros medos milenares em torno do fim de alguma coisa, inclusive do mundo. Chartier (1999, p.153) *apud* (Fachinetto, 2005, p. 10), assegura que “a biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa do futuro, mas a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas

da cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário”.

Retomando o início desse nosso diálogo sobre as mídias, perguntamos novamente: O que é um texto? E o que é um hipertexto? Qual a relação entre eles? É claro que agora estamos num outro contexto, voltado mais para a questão epistemológica, e sendo assim recorreremos a Pierre Lévy (2003, p.44) *apud* (Fachinetto, 2005, p. 11), o qual assegura que “a abordagem mais simples do hipertexto é a de descrevê-lo por oposição a um texto linear¹³, como um texto estruturado em rede”. Fachinetto (2005, p. 10), por sua vez, entende que o hipertexto é construído de nós, conectados por elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais etc., e de ligações entre esses nós – referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó a outro. É, segundo a autora, uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e intuitiva.

3.5. Hipertexto, Educação e Cognição

Um aspecto relevante das mídias aplicadas na educação é a utilização da ferramenta de hipertexto na construção e na aquisição do conhecimento dentro da sala de aula. Isso porque o trabalho com hipertexto pode impulsionar o aluno à pesquisa e à produção textual. Ademais, o hipertexto como ferramenta de ensino e aprendizagem facilita um ambiente no qual o aprender acontece de forma incidental e por descoberta, pois ao tentar localizar uma

informação, os usuários de hipertexto, participam ativamente de um processo de busca e construção do conhecimento, forma de aprendizagem considerada como mais duradoura e transferível do que aquela directa e explícita.¹⁴

Todavia, na sala de aula onde se trabalha com hipertexto, os alunos, num sistema de colaboração, acabam aprendendo mais e através de diversas fontes. O próprio conceito de hipertexto pode nos levar a essa intenção. Uma atividade colaborativa traz benefícios extraordinários no que diz respeito a construção individual e coletiva do conhecimento. Os professores também podem trabalhar com hipertexto para funções pedagógicas. Utilizar textos de várias turmas e redistribuí-los é um bom exemplo. O hipertexto também traz como vantagem para a educação a construção do conhecimento compartilhado, um importante recurso para organizar material de diferentes disciplinas. Trabalhar com hipertexto leva o aluno a produção de textos e traz como vantagens a construção do conhecimento de forma dinâmica e inserindo o aluno e o processo educativo no mundo digital. Em sua produção o aluno se refere a conhecimentos antes apreendidos, mantendo uma relação sempre linear com o texto¹⁵.

Segundo Lima (2001), as tecnologias utilizam o sistema cognitivo humano como modelo para a criação de novas formas de comunicação e interação, de novos sistemas, de novas formas de interpretação, da cognição. Para essa autora, a utilização da leitura hipertextual, traz novas e valorosas formas de ler e escrever

¹³ Um texto linear caracteriza-se por definir uma seqüência de raciocínio. Nela, os argumentos vão progressivamente se somando em direção à conclusão. Fonte: <http://www.klickeducacao.com.br/materia>. Acesso 14-out-2013.

¹⁴ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto#Hipertexto_e_Educa.C3.A7.C3.A3o. Acesso 14-out-2013.

¹⁵ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto#Hipertexto_e_Educa.C3.A7.C3.A3o. Acesso 14-out-2013.

e, portanto, de pensar e agir. Sendo assim, ao possibilitar a ampliação da memória, da imaginação, da percepção e do raciocínio, estas novas tecnologias favorecem outras maneiras de acesso à informação.

Nesse sentido,

[...] O ideal mobilizador da informática não é mais tornar uma máquina tão inteligente, ou mais inteligente que um homem, mas sim a inteligência coletiva, a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que ela se situe. Esse ideal da inteligência coletiva passa, evidentemente, pela disponibilização da memória, da imaginação e da experiência, por uma prática banalizada da troca de conhecimentos, por novas formas de organização e de coordenação flexíveis e em tempo real (LIMA, 2001, p. 4).

Neste contexto, a autora considera que cognição é entendida como uma prática, não como uma representação previsível, de sorte que as relações cognitivas são abertas e temporais, são inventivas. Para ela, não se trata agora do sujeito cognitivo que interage com a máquina-objeto. Afinal ele não representa algo exterior a si para orientar sua ação, pois é no acoplamento imediato com a máquina que se desenvolve um regime cognitivo determinado. Sendo assim, na proporção em que as informações são interpretadas e utilizadas pelo usuário,

essas atualizações operam sobre o indivíduo que se renova e se modifica, desenvolvendo e participando de um processo criativo contínuo e imprevisível.

Segundo Dias (2006), refletir sobre o uso do hipertexto é um convite para repensarmos e redefinirmos não só algumas noções que temos sobre como adquirir, transmitir, organizar e estocar o conhecimento, nossa maneira de “ler o mundo” (FREIRE, 1979), e nosso papel como educadores, mas também para pensarmos, à luz de um novo enfoque, a textualidade e, com ela, a narrativa, os limites fronteiriços entre as posições autor-leitor, a própria noção de autoria e, mais ainda, a relação que, enquanto leitores de textos, temos mantido com estes últimos como produtos culturais ligados a uma tecnologia – a imprensa.

Esta seção tratou, mediante estudos bibliográficos, as mídias na educação e seu uso pedagógico, focalizando com mais veemência, o texto e o hipertexto. A seguir investigamos a ação do professor, enfatizando a articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. Discutimos também os resultados da pesquisa empírica realizada com professores de uma Escola Pública que oferta o Ensino Médio localizada em Tocantinópolis estado do Tocantins.

4. OS PROFESSORES E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA: ARTICULAÇÃO ENTRE CONHECIMENTOS, TECNOLOGIAS E MÍDIAS

Neste momento passamos a fazer a discussão dos resultados de uma pesquisa realizada com 6 (seis) professores que atuam no Ensino Fundamental de uma Escola Pública que oferta o Ensino Médio localizada em Tocantinópolis estado do Tocantins (reiteramos que este é um

nome fictício). O intuito foi investigar sobre o “seu fazer pedagógico” e a articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. A pesquisa, que se configura como um estudo de caso se deu a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa. Os procedimentos contemplaram entrevistas semidiridas e aplicação de questionários. Dessa forma consideramos pertinente trazer um pouco da realidade da escola pesquisada, e fazemos, a seguir, um breve diagnóstico dessa instituição escolar.

4.1. Breve diagnóstico da Escola

A Escola estudada atende a uma população predominantemente carente, uma vez que é oriunda de uma comunidade de baixo poder aquisitivo, o que contribui para um nível cultural também baixo, reforçado pela falta de oportunidades oferecidas no próprio setor. Uma boa parcela das famílias do setor é advinda da zona rural que, mesmo na cidade, cultiva uma agricultura de subsistência, o que ocasiona a ausência temporária de alguns alunos na época do plantio e da colheita, com o objetivo de auxiliar os pais nos serviços braçais. Outra profissão difundida entre as mulheres do setor, e mães de alunos, é o trabalho doméstico em casa de famílias no centro da cidade. Com relação ao contingente masculino, aumenta a cada dia o índice de desemprego. Sendo assim, a população do setor sobrevive com poucos recursos financeiros, daí a necessidade de as famílias cadastrarem-se e viverem com ajuda de programas sociais do Governo Federal, como Bolsa Família, etc.

A referida escola vem, ao longo do tempo, conquistando cada vez mais o seu espaço, tanto na comunidade em que está inserida quanto

num contexto maior, pois já houve época em que o descrédito e a discriminação da própria comunidade deixava claro que a escola jamais poderia realizar um ensino de qualidade e, conseqüentemente muitos moradores deixavam de efetivar as matrículas nesta escola, para ir ao encontro das escolas do centro, por considerá-las melhores. Atualmente, graças aos desafios superados, esta unidade escolar vem, gradativamente, conquistando a confiança da comunidade em geral, através da divulgação de seu trabalho realizado diariamente, envolvendo as dimensões pedagógica, administrativa, financeira e jurídica.

Desde a sua criação, a escola passou por algumas reformas e ampliações, o que a torna bastante diferente do seu projeto inicial. Sendo assim, hoje se tornou um ambiente mais agradável, confortável e seguro. Contudo, falta-lhe ainda a construção de mais dependências para melhorar ainda mais a qualidade dos serviços prestados à comunidade escolar, como por exemplo salas de aulas mais confortáveis, uma biblioteca, um laboratório de informática, uma sala de vídeo, quadra poliesportiva e espaço para recreação, dentre outros. Não obstante, a escola vem realizando ações que visam ao desenvolvimento de habilidades e competências que objetivam formar cidadãos críticos, reflexivos, participativos e ativos.

A Escola, além de implantar e implementar os programas da SEDUC, desenvolve outras ações como atividades interventivas e projetos de interação com a comunidade. Realiza estudo continuado, campanhas e palestras educativas, reuniões, planejamento participativo e conselho de classe, atividades esportivas e de lazer, dentre outras atividades importantes. Os educadores

da instituição vêm causando um reflexo positivo junto aos pais, alunos e comunidade, o que nos leva a acreditar que as propostas de mudanças estão se concretizando e os resultados vêm se confirmando gradativamente. Assim, torna-se perceptível a melhoria significativa, em número e qualidade da sua imagem enquanto instituição social frente a uma sociedade exigente e, acima de tudo, na aprendizagem significativa dos alunos, que é o objetivo primordial desta unidade escolar.

Outro ponto relevante é que a escola tem concentrado esforços também na intenção de integrar ativamente os pais nas atividades escolares. Todavia, a participação dos mesmos ainda é tímida e acontece de forma um tanto quanto passiva. É notório que, quando convocados a participarem de qualquer reunião, o número de pais que comparecem é grande, contudo sua participação restringe-se muitas vezes em ouvir, pois ainda não se convenceram da importância de tomar decisões, de expor suas ideias e de defendê-las. Ademais, a Escola vem implantando medidas e projetos com parcerias na sociedade, por exemplo, UFT – Universidade Federal do Tocantins, comerciantes, Prefeitura Municipal, Polícia Militar, Promotoria Pública, Psicólogas, Assistente Social, Conselho Tutelar, Posto de Saúde, Hospital, outras unidades de ensino, instituições religiosas e voluntários, no sentido de desenvolver ações, tanto de cunho pedagógico, quanto social.

É importante salientar ainda, que a escola vem implementando a metodologia de projetos interdisciplinares, com destaque para os seguintes projetos: “Descobrimos Cordel e Formamos Leitores, Brincando Também se Aprende, Projeto de Xadrez, Brincando e Adquirindo Conhecimentos, Alfabetização,

cantando e encantando com a Flauta, Você, eu, a reciclagem e um mundo melhor, Brincadeiras: Soluções Pacíficas de conflitos na Escola Apoenan, Sexualidade, Tenda da Comunidade, Escolinha de Futebol” ao mesmo tempo em que incorpora nos educandos o gosto por uma participação ativa no processo educacional. Com a implantação desses projetos, intensificaram-se temáticas, melhorou a organização interna escolar, o processo de construção de leitura e escrita, diminuiu as taxas de abandono e repetência, enfim, trabalhou os conteúdos sistematizados de maneira mais instigante e significativa.

Desta forma, no planejamento participativo realizado pela equipe pedagógica, foram definidas estratégias e ações que vão ao encontro com as experiências dos alunos e da escola, como um todo. E objetivando a concretização das mesmas, firmam-se parcerias com as instituições, empresas e/ou pessoas já mencionadas. Assim, voluntários e parceiros vêm atuando na condição de dar suporte técnico, pedagógico e financeiro, proporcionando a cada dia, o fortalecimento das ações desenvolvidas pela escola, e servindo-se desses suplementos, acaba encontrando um terreno fértil e receptivo para implantar boas ideias.

Com efeito, a partir da implantação destes projetos, pode-se constatar êxitos alcançados, com uma equipe escolar que se apresenta coesa e comprometida com uma educação de qualidade, voltando para a diversidade humana. A presença dos pais tem sido pouco frequente no cotidiano escolar, fato este, decorrente de questões sócio-culturais, dentre elas, a não escolarização das famílias. Não obstante, um aspecto que vem impulsionando a melhoria da educação nesta unidade de ensino é o ingresso e a permanência

com sucesso do corpo discente que pode ser evidenciado com os crescentes índices de matrículas realizados, bem como de aprovação e redução do índice de abandono; porém ainda é necessário maior envolvimento pedagógico para elevar ainda mais a aprovação e que esta seja a cada dia mais pautada na qualidade.

No tocante às Novas Tecnologias de Comunicação e Informação - conforme mencionado anteriormente, a escola ainda não tem um laboratório de informática. Todavia, os professores se desdobram para incorporar à sua prática pedagógica aquilo que a unidade escolar disponibiliza. Contando com 3 (três) televisores, 2 (dois) aparelhos de DVDS *Players*, 2 (dois) Datas Show, 1 (uma) tela de projeção, 2 (dois) Micros System, , 2 (duas) impressoras, 1 (uma) máquina de Xerox, 1 (uma) filmadora, 1 (uma) máquina fotográfica digital e 8 (oito) computadores todos conectados à *internet* banda larga.

Nesse sentido, os professores buscam envolver os alunos com aulas que têm sido planejadas com o uso das mídias impressas e audiovisuais, principalmente na projeção de filmes e interação com material impresso por meio do acesso à *internet*.

4.2. Os Professores e as Mídias em Educação

O professor que atua nessa perspectiva tem uma intencionalidade enquanto responsável pela aprendizagem de seus alunos e esta constitui o seu projeto de atuação, elaborado com vistas a respeitar os diferentes ritmos de trabalho dos alunos. O intuito é incentivar o trabalho colaborativo em sala de aula no que se refere ao planejamento, escolha do tema e respectiva

problemática a ser investigada e registrada em termos do processo e respectivas produções, orientando o emprego das tecnologias incorporadas aos projetos dos alunos, de modo a trazer significativas contribuições à aprendizagem.

Segundo Almeida (2003), a escola que investe numa educação que articula os conhecimentos advindos dos avanços tecnológicos, está realizando uma prática pedagógica que envolve alunos, professores, as tecnologias disponíveis, a escola e seu entorno e todas as interações que se estabelecem nesse ambiente, denominado ambiente de aprendizagem. Para essa autora, isso implica um processo de investigação, representação, reflexão, descoberta e construção do conhecimento, no qual as mídias utilizadas são selecionadas segundo os objetivos da atividade. No entanto, caso o professor não conheça as características, potencialidades e limitações das tecnologias e mídias, ele poderá desperdiçar a oportunidade de favorecer um desenvolvimento mais poderoso do aluno. Isto porque para questionar o aluno, desafiá-lo e instigá-lo a buscar construir e reconstruir conhecimento com o uso articulado de tecnologias, o professor precisa saber quais mídias são tratadas por essas tecnologias e o que elas oferecem em termos de suas principais ferramentas, funções e estruturas.

Com efeito,

[...] Evidencia-se, portanto, a importância da atuação do professor e respectivas competências em relação à mobilização e emprego das mídias, subsidiado por teorias educacionais que lhe permitam identificar em que atividades essas mídias têm maior

potencial e são mais adequadas. Para que o professor possa desenvolver tais competências, é preciso que ele esteja engajado em programas de formação, participando de comunidades de aprendizagem e produção de conhecimento (ALMEIDA, 2003, p. 13).

O que a autora está nos dizendo, é que o professor que busca um envolvimento maior com as mídias na sua labuta na sala de aula, precisa, necessariamente, investir na sua formação continuada. Aliás, esse é um dos requisitos básicos para todos os professores em todas as esferas de atuação, mas no que tange à competência para trabalhar as mídias, a necessidade se amplia.

Nesse sentido, e ainda de acordo com Almeida (2003), o triplo domínio das mídias com as suas respectivas linguagens: teórico-educacionais e pedagógicos, acrescido da gestão das atividades em realização, e respectivos recursos empregados, é adquirido por meio de formação continuada, na qual o professor tem a oportunidade de explorar as tecnologias, analisar suas potencialidades, estabelecer conexões entre essas tecnologias em atividades nas quais ele atua como formador; além de refletir com o grupo em formação sobre as possibilidades das atividades realizadas com aprendizes e buscar teorias que favoreçam a compreensão dessa nova prática pedagógica. E mais:

[...] No processo de formação, o educador tem a oportunidade de vivenciar distintos papéis como o de aprendiz, o de observador da atuação de outro educador, o de gestor de

atividades desenvolvidas em grupo com seus colegas em formação e o papel de mediador junto com outros aprendizes. A reflexão sobre essas vivências incita a compreensão sobre o seu papel no desenvolvimento de projetos que incorporam distintas tecnologias e mídias para a produção de conhecimentos (ALMEIDA, 2003, p. 14).

A autora se reporta a uma questão crucial que permeia as relações estabelecidas entre si os profissionais da educação, que é o trabalho cooperativo. Como bem nos lembra Paulo Freire (1997), quando delinea quais os saberes necessários à prática educativa, apresentado a cooperação como um dos fundamentos para que o ato educativo se concretize, cooperação essa, que envolve aspectos como afetividade, solidariedade e amor.

4.3. Os professores

Reiteramos que nossa pesquisa teve como foco investigar o pensar e sentem (6) seis professores de uma Escola Pública que oferta o Ensino Médio e que, por estar numa região periférica da cidade de Tocantinópolis atende a estudantes que em sua grande maioria vêm da área rural, e sendo assim os desafios são enormes, pois essa população chega à escola com carências peculiares ao contexto em que vivem. Dessa forma, tivemos longas conversas com esses professores, sendo que suas ideias foram sistematizadas por meio de um questionário aberto aplicado com o intuito de identificar qual é a percepção que eles têm a respeito do uso das

mídias na educação escolar.

Sendo assim reproduziremos a fala de cada um deles, por acreditarmos que esse procedimento valoriza o que o este trabalho traz de mais importante, que é ouvir o que tem a dizer o profissional que atua no dia-a-dia de uma escola pública, enfrentado desafios de toda ordem. Ademais, acreditamos que ao valorizar a fala do professor o trabalho fica mais consistente, pois é a prática interagindo com a teoria, e as inquietações, que daí surgem podem servir como base para pesquisas futuras. Ao trazermos a fala de cada um desses professores, os identificaremos por Professor 1, 2, 3, 4, 5 e....Professor 6.

Foi perguntado aos nossos entrevistados:

01 - Qual o diferencial que o uso das mídias pode oferecer na aprendizagem escolar?

Professor 1) O uso das mídias no processo ensino-aprendizagem, permite criar situações onde o aluno interage com os conteúdos para dinamizar as aulas, estimular o senso crítico, a criatividade em função de uma educação para a autonomia.

Professor 2) O maior diferencial é poder apropriar-se de novas técnicas, novas metodologias que enriquecem o trabalho do educador e o aprendizado dos alunos.

Professor 3) Não vou dizer que a aprendizagem seja agora de 100%, mas de 90% sim, pois os alunos prestam mais atenção e a participação na aula é bem mais.

Professor 4) O uso das mídias na escola contribui para uma aprendizagem

dinâmica e efetiva, que favorece a todos os envolvidos no processo a construção do conhecimento.

Professor 5) A utilização das mídias permite dinamizar as aulas, estimular o senso crítico, a criatividade, a inteligência, as habilidades, as atitudes, enfim proporciona uma aprendizagem mais significativa.

Professor 6) Enriquecer a aprendizagem dinamizando as aulas.

Como podemos constatar, todos os professores entrevistados admitem que o uso das mídias é muito importante para a aprendizagem dos alunos. Para Almeida (2003, p. 8), o advento das tecnologias de informação e comunicação gerou novos desafios e oportunidades para a incorporação de tecnologias na escola em relação a diferentes formas de representação e comunicação de idéias. Para ela, a característica de propiciar a interação e a construção colaborativa de conhecimento da tecnologia de informação e comunicação evidenciou o potencial de incitar o desenvolvimento de habilidades de escrever, ler etc.

02 - O que precisa ser melhorado para que os professores utilizem mais as mídias em sala de aula?

Professor 1) Deve-se haver uma maior interação dos educadores com as mídias, pois muitos não usam por não saber utilizar as ferramentas e outros pelo tradicionalismo.

Professor 2) Falta um pouco de capacitação e interesse por parte de

alguns educadores.

Professor 3) Na escola em que trabalho acredito que seja um local em especial uma sala de informática e de vídeo.

Professor 4) É preciso oferecer condições para que o professor aprenda além das técnicas de utilização de ferramentas midiáticas, é preciso criar situações para que nós aprendamos a utilizar as mídias como recurso pedagógico em sala de aula.

Professor 5) Conhecer e saber usar as mídias, explorar as potencialidades em termos de diversificação de recursos metodológicos para o ensino de determinados conteúdos, portanto mudar a forma de ensinar. Primeiramente conhecê-las, perder o medo de usá-las e saber como utilizá-las.

Professor 6) Primeiramente conhecê-las, perder o medo de usá-las e saber como utilizá-las.

As falas destes professores são contundentes quando se trata do trabalho docente e de sua efetiva participação no trabalho com as mídias na sala de aula, notadamente no que diz respeito a um posicionamento crítico acerca da utilização dos recursos disponibilizados pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. Percebe-se uma preocupação que vai desde a necessidade de diálogo entre os próprios docentes, passando pela importância de se conhecer cada uma destas mídias, bem como da necessidade de uma formação específica para este fim.

Nessa perspectiva, Almeida (2003) assegura que é no processo de formação que o educador tem a oportunidade de vivenciar distintos papéis como o de aprendiz, o de observador da atuação de outro educador, o de gestor de atividades desenvolvidas em grupo com seus colegas em formação e o papel de mediador junto com outros aprendizes. A reflexão sobre essas vivências incita a compreensão sobre o seu papel no desenvolvimento de projetos que incorporam distintas tecnologias e mídias para a produção de conhecimentos.

03 - As escolas oferecem infra-estrutura para que os professores trabalhem com mídias?

Professor 1) Sim. O que falta mesmo é o envolvimento com as tecnologias.

Professor 2) Nem sempre. Algumas vezes falta laboratório de informática, espaço físico apropriado, etc.

Professor 2) Alguns avanços tem ocorrido nos últimos anos, mas, ainda há muito a ser feito. Vale lembrar que mídia não é só computador e internet e que o rádio, TV, jornais, revistas são recursos midiáticos que podem e devem ser utilizados na escola.

Professor 3) Na escola em que trabalho esta infra-estrutura está necessitando de melhoras, mas estamos a caminho, pois construções estão ocorrendo.

Professor 4) Alguns avanços tem ocorrido nos últimos anos, mas, ainda há muito a ser feito. Vale lembrar que mídia não é só computador e internet e que o rádio, TV, jornais, revistas são recursos midiáticos que podem e

devem ser utilizados na escola.

Professor 5) Poucas escolas oferecem infra-estrutura para o professor trabalhar com mídias, isto acontece porque nem todas dispõem de mídias suficientes e também por falta de espaço físico.

Professor 6) Algumas escolas sim, mas na maioria não tem salas apropriadas para utilizar as tecnologias.

Constatamos, pelas respostas dos professores, que a infra-estrutura ainda é um dos mais sérios problemas na efetivação de uma educação que promova a aprendizagem através do uso das mídias. Muito embora as políticas governamentais tenha priorizado uma série de programas no intuito de equipar as escolas com material de uso, no caso computadores com acesso à *internet*, algumas escolas ainda são carentes destes recursos. No entanto, estes mesmos programas oferecem oportunidades dos professores adquirirem seus próprios computadores. Daí a necessidade da conscientização e também sensibilização do professor em buscar o acesso a essas oportunidades.

04 - As mídias existentes na Escola são utilizadas como deveriam?

Professor 1) Acho que ainda não o quanto se deve, pois tem muitas pessoas que não utilizam, mesmo a escola dispendo das mesmas. Deveriam ser utilizadas mais, pois contribuem bastante com a aprendizagem.

Professor 2) O objetivo é usá-las de forma correta no que refere-se ao aprendizado do educador e do aluno, porém, alguns fazem uso de forma errônea.

Professor 3) Sim e bastante.

Professor 4) O uso das mídias tem estado mais presentes na escola nos últimos anos e pode ser ainda mais. O que precisa é preparar melhor os professores e demais funcionários da escola para esse desafio.

Professor 5) Na maioria das vezes sim. Alguns professores procuram trabalhar com o objetivo de desenvolver a aprendizagem

Professor 6) Não por vários fatores, ainda é muito tímida o uso das mesmas.

Aqui percebemos que as opiniões se dividem. Mas, mais uma vez é feita uma referência à formação do professor para lidar com essas tecnologias mais avançadas. Isso vem ao encontro do que fala Almeida (2003), ou seja, que para uma boa utilização das mídias na educação, é imprescindível um preparo que poderá ser obtido mediante sua exposição a um programa de formação continuada. O interesse e a motivação desse professor será um adendo favorável.

05 – Existe algum tipo de curso de capacitação para que os professores possam usar as mídias?

Professor 1) Existem vários além dos convencionais que pagamos por ele, existem os oferecidos pela instituição

como: Uso das TIC's que são vários cursos de aperfeiçoamento

Professor 2) Sim. O governo aqui sempre oferece cursos de capacitação para os profissionais da educação.

Professor 3) Sim, alguns professores da Unidade Escolar fizeram um o ano passado e acredito que teremos outros.

Professor 4) Sim, alguns cursos de formação continuada tem sido oferecido, porém acredito que não basta oferecer é preciso dar condições para que o professor os faça um exemplo seria: como um professor irá aperfeiçoar no uso do computador e internet se ele se quer tem um computador em casa ou uma internet banda larga na escola? Na minha opinião é como querer que uma criança desenvolva habilidade de leitura e não lhe oferecer bons livros e momentos para que ela os manuseie.

Professor 5) Sim. O e-proinfo tem contribuído muito na formação continuada dos professores.

Professor 6) Sim, curso superficial.

Com efeito, as respostas dos nossos entrevistados são unânimes. Isso é muito importante porque evidencia que esses professores estão interessados da situação e que, ao tomarem conhecimento da demanda de cursos que possa auxiliá-los na tarefa de se munirem de suportes teóricos e práticos no sentido de melhor se prepararem para um bom uso das mídias nas suas práticas pedagógicas.

06 - Qual a receptividade dos alunos às aulas que são utilizadas as ferramentas tecnológicas?

Professor 1) Tem uma receptividade muito boa, pois eles ficam entusiasmados dispostos, pois as aulas com os recursos tecnológicos são bem melhores que as convencionais, há uma interação maior na participação e no comportamento dos alunos. Faz muita diferença quando se usa as tecnologias.

Professor 2) Eles adoram, acham diferente, novo, divertido. E sem falar, que eles cobram dos professores aulas diversificadas, atrativas que possam oferecer-lhes uma nova pedagogia de aprendizagem.

Professor 3) Os mesmos gostam muito, observamos isso em relação à atenção e participação que são destinados a aula.

Professor 4) É visível a maior participação e interesse dos alunos em uma aula que sejam utilizados recursos tecnológicos. É importante lembrar que o uso desses recursos na escola requer tempo, planejamento, envolvimento de todos e antes de tudo isso abertura ao novo.

Professor 5) Os alunos acham interessante, muitos se sentem mais motivados em estudar, pois as ferramentas tecnológicas é algo que proporciona a aprendizagem de forma prazerosa.

Professor 6) Muito sucesso e

aprendizagem.

As respostas dos professores a esta pergunta corrobora tudo aquilo que viemos reiterando ao longo deste texto. Afinal, essa geração de crianças, adolescentes e jovens que estão nas escolas de nosso País, estão sendo alfabetizados, e precocemente, para lidar com as mídias, principalmente com o uso de computadores e seus periféricos. Sensibilizar o corpo educativos das escolas para a importância de envolver os estudantes na dinâmica das tecnologias enquanto ferramenta pedagógica é algo primordial, muito embora as dificuldades ainda sejam evidentes, como evidenciamos na falas dos professores objeto de nossa pesquisa. Afinal, é investindo nas tecnologias, e, conseqüentemente, nas mídias aplicada à educação, que vislumbramos um futuro promissor. Porém, sabemos que esse é um investimento a longo prazo, mas os resultados são bem evidentes.

5. Considerações finais

O trabalho teve como objetivo fazer um estudo sobre as mídias na educação. A pesquisa, de caráter qualitativo, contou com dois momentos, um estudo bibliográfico e uma parte empírica que se efetivou mediante um estudo de caso. O corpus investigado foram 6 (seis) professores que atuam na rede pública de ensino, na Escola Estadual Apoenam de Abreu Teiveira, localizada em Arraias, estado do Tocantins.

A pesquisa constatou que o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), notadamente no tocante às mídias no âmbito da educação escolar é uma realidade irrefutável. Que as políticas públicas voltadas para a inclusão

digital têm sido priorizadas em diferentes instâncias dos nossos sistemas de ensino. Que a inserção dos professores nessa nova realidade requer um investimento em sua formação continuada, desde que essas novas tecnologias, dia-a-dia se renovam, e que sendo assim precisa existir uma rede de conexões capaz de articular, teoria e prática no uso das mídias para fins de uma educação emancipatória.

Ademais, acreditamos que nossas escolas precisam criar projetos educativos capazes de integrar, de forma participativa, todos os agentes envolvidos na condução do processo escolar. Isso porque não cabe apenas aos professores a responsabilidade por essa empreitada. Estes são apenas um dos atores do processo. Também precisam de se engajar, diretores, coordenadores, pessoal de apoio, alunos e a comunidade em geral. Como sabemos, para que os projetos da escola possam ter sucesso, o trabalho deve ser desenvolvido em regime de parceria. Todos têm sua parcela de contribuição a dar. Mas um fator é preponderante. A sensibilização dos agentes e atores que fazem parte do complexo escolar.

No caso desse nosso estudo, ficou evidente que são muitas as dificuldades que precisam de ser enfrentadas, desde que trabalhar com mídias na ação pedagógica, e como aporte didático, requer uma constante atualização das novas descobertas e dos novos conhecimentos que veiculam diariamente pelos meios de comunicação. Afinal, um conceito ou uma teoria que hoje guia nosso fazer pedagógico, amanhã já pode estar obsoleto. Sendo assim, os professores são os agentes educacionais que mais de perto precisam acompanhar essa dinâmica. E para tanto, precisam investir em suas formações de forma continuada, agregando aos

conhecimentos que detêm, outros possíveis de interferir positivamente na aprendizagem dos alunos. Estes, por sua vez, ao serem expostos a essas novas informações, podem transformá-las em conhecimentos capazes de ajudá-los na sua condição de cidadão capaz de se posicionar criticamente diante das adversidades que inevitavelmente terão que enfrentar, notadamente no que diz respeito ao seu futuro profissional.

Nesse sentido, acreditamos que este nosso trabalho, ao propor estudar, discutir e analisar o uso das mídias na educação, ancorado por uma pesquisa de campo, com professores de uma escola pública, os quais trazem consigo

as mesmas ansiedades de outros profissionais da arena educativa, pode contribuir no sentido de despertar o interesse para outras fontes de pesquisa, trazendo sempre a palavra dos agentes envolvidos, pois são eles quem vivenciam todas as vicissitudes de uma profissão que tem como característica marcante, o fato de formar crianças, jovens e adultos para uma vida de partilha e solidariedade, cuidando para que se preserve o que há de melhor no ser humano, que é a sua capacidade de se (re)criar a todo momento. E isso só é possível por meio de uma educação que negue qualquer tipo de exclusão. E as mídias podem interferir favoravelmente nessa situação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Prática e formação de professores na integração de mídias**. Gestão e Tecnologia Escolar. Formação de Gestores Escolares para uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. www.eadconsultoria.com.br/matapoi/biblioteca/.../texto19.pdf. Acesso 29-jan-2011.

ALMEIDA, Severina Alves; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SOUSA, Rosineide Magalhães; SILVA, Angela Maria; FERREIRA, Renato Reis. A PESQUISA ETNOGRÁFICA NO CONTEXTO INDÍGENA APINAJÉ. **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 2. 2017. Pp. 156-176. ISSN 2526-4281 Disponível: <https://jnt.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-nov-2019.

ALMEIDA. Severina Alves de. Metodologia do Ensino Para Elaboração de Resumos, Artigos Científicos e Monografias. **Minicurso oferecido durante II Semana Acadêmica de Pedagogia e I Encontro com Base Local de Metodologias de Ensino**. Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis: 2008.

ALMEIDA. Severina Alves de. NEIVA. Sônia Maria de Sousa Fabrício. A Dialética da Globalização e seus efeitos na Educação: **Anais do IV Congresso de Iniciação Científica**. UFT, Palmas: 2007.

ANDRÉ, Marli E. D. A. LÜDKE, Menga; **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

CHAVEZ, Marcio Blanco. **Descobrimo o Audiovisual: Experiência na Comunidade Lara Vilela, Niterói**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. www.ufmg.br/congrent/Comunica. Acesso 03-fev-2011.

COELHO, J. Dias. **A Sociedade da Informação e do Conhecimento Um Desafio Epistemológico nos Sistemas de Informação**. Faculdade de Economia Universidade Nova de Lisboa Tr. Estêvão Pinto Campolide 1070 Lisboa. Outubro, 2000. fesrvsd.fe.unl.pt/WPFEUNL/WP2000/wp396.pdf. Acesso 29-jan-2011.

DELLORS, Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Título original: *LEARNING: THE TREASURE WITHIN Report to Unesco of the International Commission on Education for the Twenty-first*

Century. Tradução: José Carlos Eufrázio. Brasília: Unesco, 1998.

ESCOLA, Joaquim José Jacinto. **Ensinar a aprender na Sociedade do Conhecimento**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro jescola@utad.pt. LIVRO DE ACTAS – 4º SOPCOM. www.bocc.ubi.pt/.../escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento.pdf. Acesso 31-jan-2011.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FACHINETTO Eliane Arbusti. **O Hipertexto e as práticas de leitura**. REVISTA LETRA MAGNA Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.03 - 2º Semestre de 2005ISSN 1807-5193. www.letramagna.com/Eliane_Arbusti_Fachinetto.pdf. Acesso 31-jan-2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ed. Vozes, 1979.

_____. **A Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Ed. Vozes, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, Angela. Org.). **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995.

LIMA, Karina Medeiros de. **Determinismo Tecnológico**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. <http://www.infoamerica.org/documentos>. Acesso 30-jan-2011.

LIMA, Wannise de Santana. **Leitura e cognição - uma abordagem hipertextual**. www.cce.ufsc.br/~fialho/ergcog/trab_alunos/.../Wanise.pdf. Acesso 29-jan-2011.

MIRANDA, Denize Lima; SILVA, Denyse Mota da. Práticas de Letramento Literário: o Leitor e a Obra Literária na Construção do Saber. In: **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 10, 2019. ISSN 2526-4281. Disponível em: <https://jnt.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: 05-ago-2019.

MOURA, Selma de Assis. **A importância da leitura**

de textos na Educação Infantil. COLEGIUN, Outubro/2008. Ano VI. <http://educacaobilingue.blogspot.com/2008>. Acesso 29-jan-2011.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2008.

NERY, Alfredina. **Você sabe qual o conceito?** Especial para a Página 3 Pedagogia e Comunicação. www.uol.com.br. Acesso 30-jan-2011.

PAIVA, Maria Glaucia Uiaba Barrocas; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **A Gestão do Conhecimento na Sociedade Contemporânea**. www.seplag.ce.gov.br/. Acesso 30-jan-2011.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, Laise. **Sociedade da Informação e do Conhecimento**. <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1980121-sociedade-da-info>. 2010. Acesso dia 30-jan-2011.

RODRIGO, Jonas. Estudo de Caso – Fundamentação Teórica. Brasília: Vestcon, 2008. www.vestcon.com.br. Acesso 20-jan-2011.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. **Mídia-Educação – entre a teoria e a prática**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 27, n. 1, 97-118, jan./jun. 2009 <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso 29-jan-2011.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf. Acesso 29-jan-2011.

SITES CONSULTADOS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto#Hipertexto_e_Educa.C3.A7.C3.A3o. Acesso 01-fev-2011.

<http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2009. Acesso 31-jan-2011>

<http://www.klickeducacao.com.br/materia>. Acesso 04-fev-2011.